

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO

Manual de Leitura

Um Sonho

Índice

- 7 O castelo crescente JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA
- 11 O teatro de Bruno Bravo MIGUEL CASTRO CALDAS
- 17 “A primeira vez” INGMAR BERGMAN
- 19 O mundo direito e o mundo às avessas
Impressões de BRUNO BRAVO
e JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA sobre *Um Sonho*
por MÓNICA GUERREIRO
- 29 Viver mal PEDRO MEXIA
- 33 (Des)encantos strindberguianos: Agnes através do espelho
ALEXANDRA MOREIRA DA SILVA
- 39 Questionário de Strindberg
- 43 O que estará por trás daquela porta?
JOÃO TEIXEIRA DE SOUSA
- 49 August Strindberg – Cronologia
- 75 Notas biográficas

O que estará por trás daquela porta?

JOÃO TEIXEIRA DE SOUSA*

Desta vez o sonho chegou anunciado. Em nota prévia, o autor adverte para a atmosfera onírica da sua *peça de sonho* – uma tradução possível –, que é também o produto da sua maior dor. A narrativa reproduz a “forma desconexa mas aparentemente lógica dum sonho”. Nesta, “tudo pode acontecer; tudo é possível e provável. O tempo e o espaço não existem”.

O que terá sonhado Strindberg com a sua *dream play* quando, apropriando-se da lógica incontrolável do sonho, nos lança vertiginosamente numa viagem à Terra, “o mais denso e pesado dos orbes que erram no espaço”? É neste planeta – um local belo “no despertar dos tempos”, mas onde, “depois, algo aconteceu” – que o espectador “se afunda”, numa aparentemente caótica sucessão de acontecimentos, lógicas, ações e pensamentos. “Coragem, é apenas uma prova”, são as palavras que o deus Indra confia à sua filha antes da “viagem”. Estará a falar do sonho ou da vida?

Numa sequência de cenas descompassadas, toda a vida emerge do lado de cá de uma enigmática porta, que nunca ninguém viu aberta. O “que haverá além dela?”, num universo no qual amantes esperam a vida inteira por alguém que nunca vem, em que castelos continuam a crescer como se fossem plantas e onde vidraceiros são chamados para abrir portais para o infinito. Pululam personagens com o peso de arquétipos: O Oficial, O Pai, A Mãe, A Filha, A Porteira, O Advogado, O Polícia, A Bailarina, O Poeta, O Mestre-Escola e as Faculdades: de Teologia (que acredita), Filosofia (que pensa), Medicina (que sabe) e Direito (que duvida). Capturados no sonho, libertamo-nos da perceção convencional de tempo e espaço – “Tu crês que o tempo e o espaço existem? E o que é o tempo?”, questiona o Mestre-Escola. Afinal, “para os deuses, um ano é como um minuto!” – “E para os homens, um minuto pode ser longo como um ano!”

O que nos quererá dizer este sonho? “Já olhei para esta porta duas mil quinhentas e cinquenta e cinco vezes, e ainda não sei para onde dá.” Olha-se para a porta, novamente – outra vez! –, como talvez se olhasse a vida se a pudéssemos contemplar, tentando decifrar o seu enigma. O trevo da porta “deixa entrar a luz... deixa entrar a luz para quem?” Ficamos *aqui em baixo* tempo demais a “chafurdar na lama...” e os “pensamentos já não sabem voar”. Perceberemos que só O Poeta sabe o que é o sonho. A poesia é “mais que a realidade... não o sonho, mas um sonhar acordado...”

Lamentavelmente, os poetas estarão fadados à incompreensão dos outros homens, que acham que eles só brincam e inventam. Para perceber a realidade, há que entender o sonho, ou a poesia.

Etimologicamente, o teatro é o lugar de onde se vê. Na presente peça, a questão talvez não seja o *porquê* do que se vê ou *como* se vê,

* Psicólogo clínico, didata da Sociedade Portuguesa de Psicodrama.

ou mesmo o que se vê, mas sim permitir-se ver o mundo a partir de *dentro* do sonho sonhado, numa brecha que o autor explora entre a fantasia e a realidade. Porque terá Strindberg recorrido ao sonho, se tudo aquilo de que nos vem falar é sobre a realidade do planeta que habitamos? Logo o sonho, porventura a mais enigmática atividade mental, plena de *non-sense*, contraditória na sua essência, de substância tantas vezes absurda, aparentemente errática e paradoxal.

Na ressaca deste sonho, o espectador/sonhador talvez hesite, na senda de Bruce Wilshire, entre considerar o teatro como realista ou a vida como teatral. Pode mesmo experimentar a sensação de ser lançado para a mesa de autópsia, onde minuciosamente o sonhador disseca a alma humana. Para a circunstância, convenhamos, não seria suficiente estar simplesmente *acordado*. Tal como não o seria um discurso bem organizado, conservado pelo *normal* estado vígil. Isto porque as palavras são, segundo Hermann Hesse, uma máscara que raramente expressa a verdadeira realidade e tende mesmo a escondê-la. Para que cada um se sinta *debaixo* ou *dentro* da pele de cada personagem, como se de um bisturi se tratasse, Strindberg anestesia-nos num sonho.

E o que pode o espectador/sonhador contar *rasgar*? A alma humana, pela pena do autor, na sua infinita contradição e paradoxalidade. Experimentará os tormentos gerais e as perturbações íntimas, os banais e repetitivos aspectos do sofrimento humano, plasmados neste sonho. O que se segue é um roteiro das nossas fraquezas enquanto espécie e comunidade: a pobreza e a miséria, a incongruência e a vergonha, o pensamento sectário, o corporativismo e a mesquinhez. Perceberá, por fim, que esta obra é um tratado sobre a inevitabilidade do (des)amor e da sua dor – “a coisa mais doce que é também a mais amarga” –, e sobre a importância do belo e da beleza, enquanto atributos que dão sentido à vida humana: “Eu ficaria bem [...] se pudesse ter um pouco de beleza aqui em casa! Passava bem sem comida, se tivesse a minha flor.” É tempo de lembrar o psicanalista português Coimbra de Matos: “Não é fácil amar, mas é bom. E se não se amar não se vive.”

Espectador/sonhador, conte sentir ainda (e de que forma!) a inveja e como esse sentimento nos pode deixar psiquicamente moribundos. Perene na nossa sociedade, sabemos como é altamente incapacitante para aqueles que a segregam em altas doses. Numa brilhante e *intimista* arguição, O Advogado expõe o efeito nefasto da inveja, não apenas para o seu portador, mas também para as suas vítimas colaterais: “Aquilo a que as pessoas chamam ‘êxito’ torna-se sempre a causa do próximo fracasso. Os êxitos que tive na vida foram a minha ruína. Os homens têm um horror instintivo à prosperidade dos outros; acham injusto que o destino favoreça alguém e procuram restaurar o equilíbrio colocando-lhe pedras no caminho. Ter talento é muito perigoso.” Cinicamente, o mais invejado da peça é O Cego, que “não vê”, mas ouve. Ainda assim, também ele se lamenta da vida e “com razão, porque não vê”. Mais ainda, chora a despedida do único filho, um marinheiro que rumo a terras estranhas: “Despedida e encontro! Assim é a vida!”, sentencia.

Numa circunstância como esta, talvez um espasmo violento – daqueles que por vezes nos assaltam o sono – o desperte. Com estrondo e em sobressalto, recordará eventualmente que “Eu sou eu e a minha circunstância”. Esta é a parte mais conhecida da frase do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, publicada originalmente no introito da sua obra inicial, *Meditaciones del Quijote*, de 1914. A segunda parte da frase, ao raiar do despertar, talvez o impulse a agir: “Eu sou eu e a minha circunstância, e se não a salvo a ela, não me salvo a mim.”

Contudo, este sonho (de)compõe-se em pedaços e recortes que fazem parte de um enredo maior. Sustenha a respiração. Não é ainda o momento de despertar. Num nível a seguir, afundar-se-á neste sonho, não sem que antes se questione, num misto de perplexidade e assombro: “É possível injetar os torturados?”

No seu tom irónico e melancólico, *Um Sonho*, de Strindberg, continua envolto em mistério. “Que tristeza, a humanidade...”: somos vítimas dos preconceitos que herdamos, do tempo em que vivemos e da nossa circunstância. À mercê de medos, de ilusões e da nossa finitude, somos um vulnerável produto do enigma cósmico e, como tal, padecemos de uma ignorância primária e fundadora a que não podemos escapar. Por isso, “é uma pena a humanidade”. Mas reparem: a porta tem um trevo “que deixa entrar a luz...” Num determinado momento, O Oficial questiona-se: se somos seres celestiais, “porque é que tenho de tratar dos cavalos, então? Limpar os estábulos e acarretar estrume?” – “É para que anseies libertar-te!” Temos essa possibilidade (e responsabilidade). Talvez a liberdade seja mesmo incondicional, como afirma Sartre. Se assim for, o homem é eminentemente livre, está condenado a ser livre. “Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.”¹

Tempo agora para aquele que nos fez sonhar. Inevitavelmente, a criação ou o ato criativo emerge da vida do criador, tal como o sonhador sonha a partir da sua existência. Nesse sentido, todas as obras – e todos os sonhos – são autobiográficas. Ainda assim, talvez Strindberg não nos tenha contado a sua vida *real*, tal como o sonho – a atividade mental que desenvolvemos ao dormir – também não a conta necessariamente.

Há uma evidente carga detetivesca na obra de Strindberg. Na senda do seu contemporâneo e afamado detetive Sherlock Holmes, também o autor se interessou pelo ocultismo e pelas variantes que procuram, de certa forma, descodificar os enigmas do mundo. A sua biografia pessoal foi marcada por graves crises intrapsíquicas e relacionais – se é que alguma precede a outra ou não a implica –, colocando-o à mercê da loucura. A escrita do seu sonho, em particular, aconteceu na ressaca de um divórcio indesejado e, à medida que nos afunda nele, encontramos muitas passagens sobre a vida em casal e sobre o divórcio, que é “como ouvir gritos na terra e no céu... gritos de traição [...] à fonte do bem, ao amor”. Algumas dessas vivências explicarão, pelo menos em parte, o tom melancólico do seu sonho. Não será certamente por obra (apenas) do acaso que é nas palavras do Marido que o

seu ceticismo é consagrado: “A felicidade consome-se como uma chama... não pode arder para sempre, e acaba por se extinguir. Este pressentimento do fim destrói o contentamento no seu ponto mais alto.” Claro, a vida é má e a humanidade faz pena, quando não temos esperança e sentimos que “no meio da felicidade há uma semente de infelicidade”.

Quanto a ser ou a tornar-se louco, há nesta peça uma curiosa passagem. A propósito da organização social e da possibilidade de a transformar, somos notificados do malfadado fim daqueles que tentam mudar alguma coisa. Acabarão, todos eles, ou “na prisão ou no manicómio”. Mas quem detém tal poder? A resposta não se faz esperar, envolta em desconcertante ironia: aqueles que não se resignem serão presos pelos “bem-pensantes” da sociedade, também adjetivados de “honestos”. Já tinham sido eles (todos) a crucificar “o que queria libertar”. Quanto aos outros “melhoradores”, sucumbindo à desesperança do “próprio desespero, ao ver que lutam em vão!”, rumam pelo seu próprio pé ao manicómio. “Ser louco ou infeliz”: eis a questão! Viveremos amarrados a um colete de forças que nos oprime ou à ideia de que por detrás de qualquer porta estará sempre algo melhor e por descobrir.

Quase a acordar, percebemos como é difícil ficar imune à ideia de que o sonho oculta uma verdade e de que esta deve, ou pode, ser decifrada. Desde o princípio dos tempos que o sonho, enquanto entidade, aguçava a nossa curiosidade. Como tal, mobilizou e mobiliza ensaios e leituras, funda interpretações, teorias e por vezes *força* sentidos. Premonição ou pecado, via para o etéreo ou “via régia para o conhecimento dos processos mentais do inconsciente”, como escreve Freud na primeira edição de *A Interpretação dos Sonhos*, publicada em novembro de 1899. Dois anos depois, Strindberg (d)escreveria o seu sonho sentado à secretária e não recostado no divã do seu contemporâneo.

Alguns anos mais tarde, Jacob Levy Moreno, também psiquiatra em Viena, inova com a criação do método psicodramático. Ainda que muito mais jovem, protagoniza um interessante confronto com Sigmund Freud. A propósito dos sonhos, diz-lhe: “O senhor analisa os sonhos deles. Eu começo onde o senhor acaba. Dou-lhes a coragem de sonharem de novo.” Por isso, neste método, o principal instrumento não é o divã onde se pesquisa o inconsciente, mas um palco, não propriamente para fazer teatro – pelo menos o convencional –, mas para iluminar a vida, buscar a autenticidade e testar a realidade de forma criativa, livre de coações sociais. Aí aprendemos que realidade e fantasia não se opõem, antes se sobrepõem ou existem em paralelo. Tudo é realidade e nela habitam também a fantasia e o sonho. Nesse sentido, o sonho deve ser compreendido como um *aquecimento* para a vida e não como algo conservado a que temos necessariamente de dar sentido. Nos dias de hoje, o sonho continua a ser investigado. E, mesmo com recurso a modernos métodos computacionais e tecnológicos, permanece enigmático e contraditório, quicá a bem da poesia e do fascínio pelo acaso (que é a vida).

Nesta *folie à deux*, o sonho estimula a crítica social e promove um questionamento sobre os valores e o sistema de apego humano. Lamenta-se

o facto de a Terra não ser o “paraíso”. Compreende-se “que nem todos possam viver da mesma maneira, mas a diferença tem de ser tão grande?” Cada deixa resulta, na realidade, num continente de dúvidas e anseios sobre a existência humana, o que nos obriga a repensar pormenores há muito esquecidos. Se nos falta o ar (“a vedar, a vedar, a vedar”), sufocamos pelo conformismo e pela resignação. Como tal, a peça debruça-nos sobre as chamadas “conservas culturais”² e o seu potencial impacto. Refiro-me a criações pessoais que se fixam e permanecem moldadas de forma permanente, representando um óbice ao homem espontâneo, criativo e original. São disso exemplos o conhecimento instaurado e controlador que nos obstaculiza e impede a nossa realização: “É uma loucura! Os homens não são maus... [...] É só que, a organização...” “Tomados um por um, são bons, mas, mal se juntam, lutam e transformam-se em demónios...”

Ficamos sem saber se o sonho durou alguns minutos ou se se estendeu por séculos. Foi, contudo, suficiente para pôr em causa tudo o que julgávamos certo. “Não te sintas sempre injustiçado pela vida”, suplica uma mãe moribunda ao seu filho. Talvez a virtude do sonho (e do teatro) seja a de revolucionar a consciência geral, negar uma atitude passiva, impelindo eventualmente à ação e ao inconformismo. Assim, o mérito do autor afere-se caso o espectador desperte deste *Sonho* inquieto, questionando o que é a vida e qual o seu sentido. Se assim for, vale(u) a pena sonhar!

¹ In Sartre, J.-P., *O Existencialismo É um Humanismo*, Presença, Lisboa, 1978, p. 9.

² In Moreno, J.L., *Psychodrama: First Volume* (1947), Beacon House, N.Y.; trad. port. *Psicodrama*, Cultrix (1989).

É
preciso
dançar
antes
que
a peste
comece!

August Strindberg